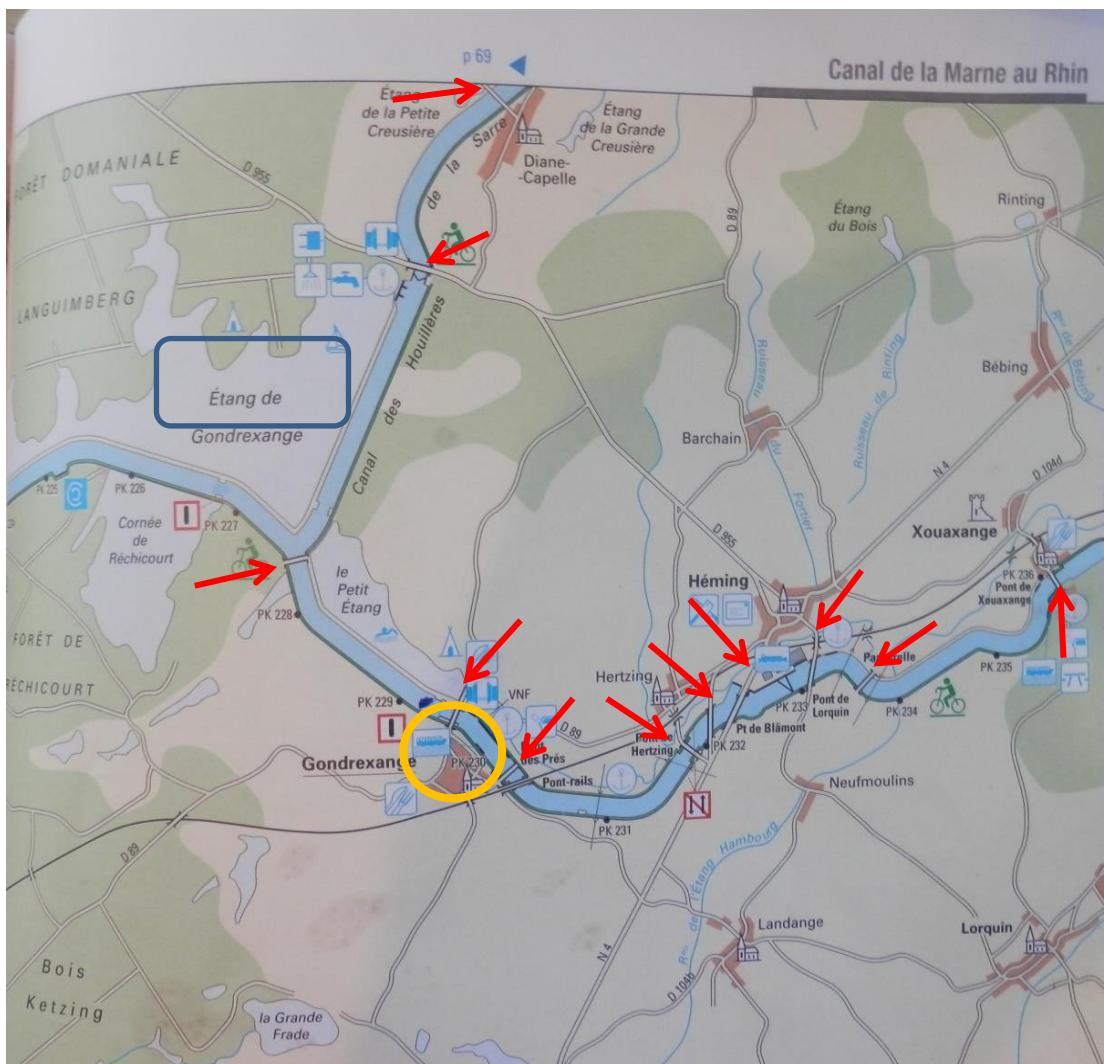


Nosso trajeto, no segundo trecho, compreendeu o percurso entre Hesse (onde ancoramos para passar a primeira noite) e Mittersheim. Para isso, saímos do Canal de la Marne au Rhin e pegamos o des Houillères de la Sarre, tomando direção que nos aproximava da fronteira com a Alemanha. Essa mudança de canal ocorre justamente onde está o Étang (Lago) de Gondrexange, logo após a *village* de mesmo nome, assinalados no mapa em que, também, as flechas mostram o número e pontes que cruzam o canal, indicando o quanto ele está integrado ao conjunto do território.



Passado o encanto do primeiro trecho, com suas surpresas – o plano inclinado e os túneis –, o percurso se tornou mais repetitivo e menos instigante, em parte porque o sol saiu de cena, em parte porque o número de eclusas aumentou e, muitas vezes, elas estavam uma em seguida à outra. Deu para sentir, então, que o passeio de barco pelo canal é feito, sobretudo, de trabalho e não apenas de descanso e lazer.

A cada eclusa que se aproxima começa a atenção e certa tensão, para nós, que somos iniciantes: verifica-se se o sinal está vermelho (esperar), vermelho e verde (aguardar porque a eclusa está se esvaziando ou enchendo de água e, em seguida, será possível seguir) ou verde (ok pode ir).

Assim que o barco entra na eclusa, após o esforço do piloto de fazer esta inserção sem pequenas colisões nas laterais, o que nem sempre é possível, começa a trabalheira de amarrar o barco, de preferência na proa e na popa, em uma das laterais da eclusa, aquela em que está o pequeno sistema por meio do qual se dá o sinal de que: a) a água pode subir, ou seja, o canal deve encher-se d'água (quando se navega de jusante para montante) ou b) descer, o que significa esvaziar a água do “recipiente” conformado pela eclusa fechada (quando se vem de montante para jusante).

Estas operações necessitam sempre de duas pessoas, às vezes de três: o que está no timão pilotando e os que ajudam nas manobras e fazem as amarrações. Há os imprevistos de toda ordem: a boia que se solta do barco e precisa ser resgatada; a corda que deveria ser presa por baixo da grade e é passada por cima; a distância entre o barco e a torre de abastecimento de água que é maior que a mangueira; a manobra para aportar de marcha ré que é muito mais difícil do que entrar de frente. No geral, as ‘meninas’ ficam com liberdade para muitos bate papos, em que pesem as pequenas limpezas no barco e o envolvimento com a preparação da boia (não a do barco, mas a nossa).







Todo o percurso é sinalizado tanto por meio de placas, como por luminosos. No livro que acompanha a embarcação, vem toda a legenda, cujos sinais demoramos a decorar.



Passamos por 19 eclusas na ida e 19 na volta, no *Canal des Houillères de la Sarre*. Antes disso, já havíamos feito 4 eclusas no *Canal de la Marne au Rhin*.

Ao entramos no das *Houillères*, na primeira eclusa, havia, ainda, um profissional que fazia as operações no sistema de abertura e fechamento de eclusas, mas a partir da segunda, eles nos entregam um controle remoto com o qual fazemos nós mesmo as gestões necessárias. Algumas vezes, o sistema mostrou que não é tão perito e tivemos que chamar apoio. Todas as eclusas são equipadas com cabine telefônica e isso possibilita que venham os veículos com os funcionários para verificar o ocorrido e solucionar o problema.

Uma das coisas que chamou muita atenção, desde que recebemos o controle remoto para abrimos e fecharmos as eclusas, é o enorme patrimônio que restou desta mudança tecnológica. A cada eclusa há uma casa, onde antes morava o funcionário que cuidava das operações e manutenção.

Além do menor número de empregos, é um pouco triste ver que estas construções, com algumas exceções, estão fechadas: não há mais gente por lá, as janelas não tem flores como nas outras que há pelo caminho, a pintura da parede está descascada. Na fachada delas, resta o número da eclusa, identificando cada construção. Olhando as paredes fico me perguntando quem morou ali, que histórias viveram, se foram felizes ou não. Sim, as paredes perguntam sobre o tempo, a memória, o que passou e até sobre o que jamais ocorreu, pois elas nos dão direito de imaginar, como me pus a fazer.





Pelo caminho, também chamava muita atenção, as flores nas pontes e em frente às construções. Franceses, como europeus, de um modo geral, têm um verão relativamente curto, muitas vezes antecedido por uma primavera muito chuvosa, por isso gostam de remarcar a estação com seus jardins coloridos.



Mittersheim, onde pernoitamos, tem um porto bem equipado, com píeres disponíveis a cada duas embarcações, acesso à água e eletricidade, mesas e bancos de madeira para refeições ao ar livre, posto de correio, cabine para banhos e um pequeno restaurante simples, em que se servem pizzas, mas ele era tão simples mesmo, que não ousamos experimentar, na ida nem na volta. Trata-se de um porto particular que cobra 10 euros por noite. Faz falta, no entanto, o acesso à internet que havíamos tido em Niderviller, por meio de compra de cartão que possibilita conexão ao sistema *wi-fi*.

Como nem tudo são flores, neste dia 7 de junho de 2014, o tempo começou a ficar feio. Primeiro caiu uma chuva forte a que se seguiu, muito mais chuva e, depois, de novo, chuva, chuva, chuva e, para concluir, queda de temperatura.

Nossa ideia, para esta noite, era tomar um drink na proa para brindar o aniversário do João Lima, mas mal começamos a transportar as cadeiras, a água caiu novamente. Não nos demos por vencidos, tomamos vinho e, depois jantamos, na varanda coberta da popa. Foi uma noite ótima, tanto pela data festiva, pelo risoto e vinho partilhados, como pela conversa ótima sobre

cinema dos anos 1960 a 1980. Foram lembrados os filmes de Lina Wertmüller, Irmãos Taviani e outros cineastas...

É interessante perceber como, em relação há várias películas, o que cada um lembrava não eram, exatamente, as mesmas cenas ou diálogos, o que fazia com que todos recompusessem de modo mais abrangente nossas próprias memórias e a conversa se esticasse gastando o bom tempo de ócio.



Carminha Beltrão

Julho de 2014